



ESCOLA DE
HUMANIDADES

NAVEGAÇÕES

Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa

Navegações, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan.-jun. 2020
e-ISSN: 1983-4276 ISSN-L: 1982-8527

<http://dx.doi.org/10.15448/1983-4276.2020.1.36624>

SEÇÃO: DOSSIÊ

O Oriente de *Os Lusíadas* e a América dos descobrimentos e colonização: o feminino e a feminização da realidade

The East of Luís Vaz de Camões' The Lusiads and the America of the discoveries and colonization: the female and the feminization of reality

Pedro Carlos Louzada

Fonseca¹

orcid.org/0000-0003-0213-7855
pfonseca@globob.com

Recebido em: 09 dez. 2019.

Aprovado em: 27 abr. 2020.

Publicado em: 10 ago. 2020.

Resumo: O artigo parte da verificação de que o fazer literário representa geografias e paisagens culturais de outras localidades, além da sua própria realidade e contexto, de forma retórica, imaginária e simbólica, refletindo formações ideológicas, de ordem política e cultural. Na esteira desta ideia, o artigo examina, por meio de pressupostos teóricos e críticos, buscados nos estudos do discurso do gênero e suas estratégias de engendramento da realidade, o principal tropo da retórica da literatura dos descobrimentos e da conquista, qual seja, a feminização ou sexualização da realidade etnoantropológica a ser conquistada por sua redução ao princípio do feminino como regente do mundo natural e da realidade social e cultural. Tendo por base essas noções, o artigo propõe examinar representativos textos da cronística sobre a América dos descobrimentos e colonização e *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, como escritas comprometidas com traços do complexo etnocultural e androcêntrico da tradição ocidental.

Palavras-chave: Engendramento. Feminização. Cronística Mundonovista. *Os Lusíadas*.

Abstract: This article begins by noting that the literary writing represents geographies and cultural landscapes of other locations, beyond its own reality and context, in rhetorical, imaginary and symbolic manner, reflecting ideological formations, political and cultural order. Following this idea, the article examines, through theoretical and critical assumptions, sought in the gender discourse studies and their engendering strategies of reality, the main trope of literature of discovery and conquest, namely, the feminization or sexualization of the ethno-anthropological reality to be conquered by means of its reduction to the feminine principle as regent of the natural world and the social and cultural reality. Based on these notions, the article proposes to examine representative texts of chronicles about America of the discoveries and colonization and the East of Luís Vaz de Camões' *The Lusiads*, as writings which are committed to aspects of the ethnocultural and androcentric complex of the Western tradition.

Keywords: Engendering. Feminization. Chronicles of New World. *The Lusiads*.

Introdução

Desde os aristotélicos princípios miméticos tradicionalmente canonizados para dar conta da representação poética da realidade, a retórica do engendramento tem-se verificado como um constante recurso estratégico ideologicamente comprometido com uma política de gênero. Na tradição cultural e literária do mundo Ocidental, essa ordem política de gênero, em virtude de complexas formações históricas e sociais, acabou por se estabelecer de forma androcêntrica inalienável.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

Na esteira dessas ideias fundamentais, por meio de pressupostos teóricos e críticos, buscados aos estudos do discurso do gênero e das suas estratégias de engendramento da realidade, pode-se perfeitamente verificar a atuação do tropo formador da retórica da literatura dos descobrimentos e da conquista, qual seja, a feminização ou sexualização da realidade etnoantropológica Oriental e mundonovista a ser conquistada e apropriada pelo europeu. Com base nessas noções preliminares nada alheias a um verdadeiro projeto colonialista ao modelo tradicional imperialista dos princípios dos tempos modernos, textos representativos da cronística sobre a América dos descobrimentos e colonização, além de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, destacam-se como escritas comprometidas com traços da construção retórica de uma escrita ideológica e política. Ela estilizou a representação do Novo Mundo e do Oriente em termos de um verdadeiro discurso do gênero.

Engendramento nas conquistas

Na formação de um discurso que tenha como objeto a realidade do outro, o engendramento, ou seja, a conferição de uma perspectiva sexualizadora dessa contraparte sexual demonstra ser um dos mais estratégicos aspectos para a produção, circulação e consumo da literatura que trata dessa questão (RUTHVEN, 1984, p. 9). O androcentrismo, um dos mais arraigados epistemas do pensamento e da cultura ocidental, que tem na certeza do *logos* equacionado à centralidade hierárquica do *phallus* como fonte legitimadora de poder (CUDDON, 1992, p. 34), indica um sistema binário de imposição da matriz superior e dominante do masculino sobre a derivação inferior e dominada do feminino (SHOWALTER, 1994, p. 20).

Ideológica e politicamente decorrente dessa falaz espécie de prerrogativa fálica imposta por força (KAPLAN, 1986, p. 148; MACKINNON, 1987, p. 82), surge no seio da civilização ocidental, um inarredável complexo femifóbico e misógino que perspectiva o feminino e sua imagem em termos de pavor e de raiva. Esse fato leva Simone de

Beauvoir (1989), generalizando o fenômeno a todas as civilizações, a comentar que ainda em nossos dias a mulher inspira horror ao homem.

Perspectivados em referência ao contexto dos descobrimentos e da colonização dos primeiros séculos dos tempos modernos, os temas e motivos dessa ancestral femifobia e misoginia, em atendimento à ordem política da conquista e da colonização ideologicamente agenciadas, cuidaram em conferir um engendramento feminizador à realidade alienígena. E, embora se apresente muitas vezes como eufórico, é no aspecto da adversidade disfórica que mais impressiona e parece querer justificar a dominação do descobridor e colonizador. Isso por intencionar ver a realidade como feminina e bárbara, ou precisamente bárbara por ser feminina, necessitando, portanto, do redirecionamento civilizador considerado como competência masculina do europeu ocidental. Dessa forma, tornaram-se clássicas e recorrentes imagens de mulheres alienígenas como seres destruidores e malignos que se disfarçam com artificios sedutores.

Tropos da outridade engendrada

No imaginário mitológico e lendário do viajante e conquistador, desde as mais antigas tradições, e mesmo depois no seu fiel descendente atualizado na figura do colonizador, o heroico homem desbravador, desde sempre, parece ter sentido sua integridade ameaçada e perigada por femininos seres, encantada e sediciosamente destruidores encontrados em estranhos e remotos espaços. Essa imagem, que tendo em vista a tradição homérica do épico, levou a metaforização de o mar ser para o marinheiro uma mulher perigosa, traiçoeira, difícil de conquistar (BEAUVOIR, 1989, p. 145).

Esses aspectos introdutórios, que tratam da representação misógina da imagem do feminino e da feminização sobredeterminadas a espaços alienígenas remotamente encontrados ou descobertos, podem ser conferidos em uma passagem da obra que é considerada como a primeira crônica historiográfica do Brasil, a *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos*

Brasil (1576), de Pero de Magalhães Gandavo. Fazendo coro àquela sobredeterminação misógina, o autor menciona, por meio do tropo da monstrualização, um insólito espécime da fauna brasileira, mandando ilustrar tendenciosamente derogatório o capítulo intitulado que lhe é dedicado, "Do monstro marinho que se matou na Capitania de Sam Vicente em 1564" (chamado na língua dos nativos *Hipupiàra*, que quer dizer demônio da água), com a seguinte observação: "O retrato deste monstro, he este que no fim do presente capítulo se mostra, tirado ao natural" (GANDAVO, 1980, p. 120). Apesar de o texto não se referir ao gênero da criatura, entretanto, sua ilustração a retrata com dois enormes seios no formato de mamas, sugerindo tratar de do sexo feminino.

É, entretanto, no tratado *Do clima e terra do Brasil*, de Fernão Cardim, encontrado entre os primeiros textos produzidos pelo autor, entre 1583 e 1601, sobre a natureza colonial brasileira, que o cronista evidencia com pitorescos, porém macabros detalhes descritivos, o tropo da monstrualização. Especialmente em referência à natureza do feminino, encontra-se no capítulo intitulado "Homens marinhos, e monstros do mar". Comentando que tais criaturas são chamadas, na língua dos nativos, *Igpupiàra*, diz o cronista que

As femeas parecem mulheres, têm cabellos compridos, e são formosas [...] O modo que têm em matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a comsigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguns comem-lhes sómente os olhos, narizes e pontas dos dedos dos pés e mão, e as genitálias, e assi os achão de ordinário pelas praias com estes cousas menos (CARDIM, 1980, p. 50).

Se, na descrição anterior do monstro marinho de Gandavo, a feminização da sua natureza não chega a atingir a integridade de suas vítimas, o mesmo não ocorre com os chamados homens marinhos de Cardim. A definição desses curiosos seres aquáticos, embora parecendo indicar que ambos os sexos canibalizavam suas vítimas, castrando-as, foca, entretanto, de forma obcecada na reprodução da conhecida imagem medieval demonológica da

vagina dentata. E, com isso, de forma emblemática, reproduzia o ancestral medo masculino de aniquilação de sua virilidade perigada pela suposta incontinência libidinosa conferida ao gênero feminino e à sua regência natural (WALKER, 1988, p. 328).

Imagens femininas e de feminização da realidade natural e etnoantropológica, como os exemplos anteriores, representam, na literatura e na iconografia dos descobrimentos e da colonização da América, em termos retóricos e discursivos, a intenção de um projeto ideológico e político de conquista e colonização que se prima pela sujeição do nativo e do colonizado a um estado de verdadeira barbarização. Frantz Fanon (1963, p. 41-42) inventaria, de forma geral e bastante apropriada, os termos denegridores dessa visão europeia bestializadora da América nativa, comentando que, quando o colonizador procura descrever o nativo, ele constantemente se recorre de imagens referentes ao bestiário.

Essa rasura inferiorizante da verdadeira realidade nativa, que se realiza em virtude da inscrição sobredeterminante da supremacia cultural do colonizador, torna-se reduplicada por suas prerrogativas androcêntricas ao engendrar aquela realidade equacionada ao feminino com todos os brutais estigmas femininos e feminizadores de uma tradicional cultura misógina. É dessa forma que, na tropologia do engendramento da América dos descobrimentos e da colonização, sua paisagem natural e humana representa-se como projeção dos ideais da conquista e da exploração. E eles a configuram como realidade desejada por sua passividade e inferior estado primitivo equacionado à selvageria.

Esse verdadeiro reflexo do que, nessa situação, poderia ser considerado, em termos psicosssexuais, como inerente ao complexo cultural do conquistador ocidental é analisado por Ella Shohat e Robert Stam (1994, p. 146). Eles notam que as narrativas-mestre das descobertas e das conquistas do Ocidente invariavelmente procuram feminizar geografias distantes e desconhecidas realizando o seu desvendamento como um rito de passagem que alegoriza a façanha, de heróica estatura viril, do homem ocidental.

América e engendramento da barbárie

Por volta de 1580, Theodor Galle, com base em um desenho de Jan van der Straet (ca. 1575), fez alegorizar a América, na célebre gravura de título homônimo, na qual todas as estratégias figurativas da ideologia desse tropos sexualizador encontram-se esplendidamente representadas. Na gravura, uma ameríndia nua, representando a América, encontra-se semi-erguida em sua rede, num gesto que parece ser de obediente boas-vindas, senão de surpresa, para recepcionar Américo Vespúcio. Já ele se perfila numa posição

patriarcal e cultural em relação à subserviente e selvagem aborígene. O descobridor está, num misto de cavaleiro medieval e moderno, apetrechado com os instrumentos de controle europeu: a vestimenta, a espada, o estandarte estampado e encabeçado com a cruz de Cristo e o astrolábio. O moto em latim, embaixo da gravura, confirma sua significação iconográfica: "*American Americus retexit & Semel vocavit inde Semper excitam*" [Américo redescobre a América e ele a chamou uma vez e, desde então, ela ficou desperta para sempre] (Fig. 1).

Fig. 1 – *America* (ca. 1580) Gravura de Theodor Galle baseada num desenho de Jan van der Straet (ca. 1575). Foto: The Burndy Library, Norwalk, Conn., EUA..



Fonte: MONTROSE, Louis. *The Work of Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery*. In: STANTON, Donna C. (Ed.). *Discourses of Sexuality: From Aristotle to AIDS*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

Nessa espécie de modelo iconográfico protocolonialista mundonovista, torna-se notável a superimposta prerrogativa de superioridade hierárquica do descobridor e conquistador ocidental do princípio dos tempos modernos. Para isso, se prima por objetificar a realidade americana utilizando-se, estrategicamente, da sua nudez natural realçada em termos ideológicos, sintonizando a reflexão de que um corpo desnudo só se torna realmente nu quando visto como objeto (BERGER, 1977, p. 54).

A gravura *América*, de Galle, é realmente surpreendente por seu escrutínio ideológico

e político da realidade. Focada no tropo da feminização, consorcia esse expediente figurativo a outras imagens que lhe são estrategicamente associadas, quais sejam, o barbarismo e a ferocidade da natureza americana, representados pela cena canibalesca ao fundo da gravura e pela fauna exótica. Analisando esses elementos, Louis Montrose (1992, p. 144, tradução minha) agudamente observa que "de particular significação aqui é a mistura destes ingredientes básicos da ideologia protocolonialista com uma crua e ansiosa fantasia misógina, uma conjugação poderosa do selvagem e do feminino".

Essa poderosa conjugação misógina da selvageria americana conferida à imagem do feminino devorador não indica apenas a simples *paura* do conquistador frente a uma natureza canibalesca. Serve, concomitantemente, para monstrualizar a realidade comprometedora de sua integridade androcêntrica, como acontece, dentre outros exemplos, na pitoresca, porém sintomática da questão, passagem dos *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618), de Ambrósio Fernandes Brandão.

Nesse caso, ele descreve o peixe *piranha* com motivos femifóbicos inerentes à imagem da *vagina dentata*. Depois que Brandão diz que as carnívoras piranhas do Brasil, "por onde mais frequentam de aferrar é pelos testículos, que logo os cortam, e levam juntamente com a natura [...]", Alviano, seu interlocutor, tomado de um forte medo da emasculação, replica: "Dou-vos a minha palavra que não haverá já cousa na vida que me faça metter nos rios desta terra; porque ainda que não tenham mais de um palmo dagua imaginarei que já são essas piranhas commigo, e que me desarmam da cousa que mais estimo" (BRANDÃO, 1930, p. 228).

Se para Brandão, ao que tudo indica o *alter ego* do autor dos *Diálogos*, no seu entusiasmo e disposição apologética, as terras brasileiras e as brasilíndias são motivo de evidente intenção propagandística e de defesa estratégica do sucesso da colonização, para o seu interlocutor Alviano, sua disposição é extremamente disfórica e negativa. Comentando, em contraposição a Brandão, sobre as desalmadas nativas brasileiras, assim as caracteriza por carecerem do conhecimento da virtude da castidade:

Essas taes deviam de ouvir contar de Diana e de suas elas, e pela imitar tomam a caça por exercicio; e com tudo não me persuado a crêr elas que hajam de ser continentes, por seu um dom da alma, que o não estima senão quem conhece o seu preço, e como a essas falta o tal conhecimento, não vejo cousa por que haja de cuidar que possam guardar essa continência (BRANDÃO, 1930, p. 284).

América-mulher libidinoso incontinente

Na citação acima indicada, o detrator de os *Diálogos*, Alviano, recorrendo-se à tradicional

postura moral da misoginia ocidental, que censura e pune *ab origine*, o sexo feminino e a sua sexualidade por sua natural tendência e concitação à lascívia e perversão sexual. E, com isso, assume uma postura muito bem observada por Elisabeth Badinter (1989, p. 90, tradução minha) ao dizer que, para o misógino complexo psicossocial e cultural do europeu, "a origem da maligna natureza da mulher é a sua indomável sexualidade, impossível de ser satisfeita por qualquer homem".

Essa condenada incontinência sexual da mulher recrudescer no seu tratamento teológico quando, para o final da Idade Média, a perversa insaciabilidade da libido feminina, que busca contentamento nos animais mais equipados (BADINTER, 1989, p. 91), chega a assumir uma natureza demonológica. Um exemplo disso é o que discute Nancy Tuana (1993, p. 81), que citando o *Malleus maleficarum* (1486) [Martelo das Feiticeiras], um dos mais abalizados manuais inquisitoriais da bruxaria, coloca que "toda bruxaria vem do desejo carnal que é insaciável na mulher. [...] Daí que, a fim de saciarem os seus desejos carnis, elas (as bruxas) se consorciaram inclusive com o demônio".

Sintonizando o teor desses ultrajantes pronunciamentos misóginos acerca da animalidade e demonismo do sexo feminino, a antiga e pornográfica imagem da mulher como sequiosa inveterada na busca de prazeres do sexo os mais acerbados comparece na descrição etnográfica de um dos primeiros documentos escritos sobre o descobrimento da América. Trata-se da carta de Américo Vespúcio, datada de 1503 e endereçada a Lorenzo Francesco de Medici. Nela, o piloto florentino, comentando sobre a voluptuosa sexualidade das indígenas do Novo Mundo, diz que

as mulheres, sendo muito libidinosas, fazem os pênis dos seus maridos incharem de tal tamanho para parecerem deformados; e isso é conseguido por meio de certo artifício, sendo a picada de algum animal venenoso, e devido a isso muitos perdem os seus órgãos viris e se tornam eunucos" (MONTROSE, 1992, p. 144).

Na perspectiva da intrincada rede de significações simbólicas etnoantropológicas que o canibalismo assume no contexto americano, referido especialmente à regência do feminino, essa prática da libido ameríndia que castra coloca

A fantasia oral da insaciabilidade da mulher e do desmembramento do homem [...] como o confronto canibalesco de culturas alienígenas, é aqui traduzida numa forma genital precisa e doméstica. Porque o órgão sexual do seu marido está sob controle da sua esposa e está inteiramente sujeito a seus desejos ambíguos, o próprio aumento da sua virilidade torna-se o instrumento da sua emasculação (MONTROSE, 1992, p. 144-145, tradução minha).

Américo Vespúcio não foi o único cronista mundonovista a sensacionalizar o costume indígena de alargar o pênis para finalidades concupiscentes. Mais de meio século depois, esse mesmo motivo de notação crítica de Vespúcio em referência à sexualidade dos nativos é também referido por Gabriel Soares de Sousa ao comentar sobre a libidinosidade dos brasilíndios tupinambás. No capítulo "Que trata da luxúria destes bárbaros" do seu *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, diz que

São os tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam [...] É este gentio tão luxurioso [...] os quais são tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem seus apetites, com o membro genital como a natureza formou; mas há muitos que lhe costumam pôr o pêlo de um bicho tão peçonhento, que lho faz logo inchar, com o que têm grandes dores, mais de seis meses, que se lhe vão gastando espaço de tempo; com o que se lhes faz o seu cano tão disforme de grosso, que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer [...] (SOUSA, 1987, p. 308).

Em termos de sustentação da regra colonial perspectivada pelo recurso do engendramento, imagens e considerações como as de Vespúcio e de Soares de Sousa tratam da questão do consumo sexual dos nativos consentido ou gerenciado pela mulher ameríndia. Essa superposição da licenciosidade sexual ao feminino, além de reforçar o ideário masculinista de controle da colonização, perpetua a lógica

aristotélica referente à deficiência e à animalidade da mulher (STARR, 1991, p. 35-36).

Não é de se desconsiderar que a tradicional figuração da mulher selvagem no imaginário europeu, descrita como excessivamente feia, coberta com pelo, exceto nos seus dependurados seios grotescos, os quais ela jogava para trás dos seus ombros quando corria. Essas selvagens, dos confins europeus, eram, ainda, supostamente obcecadas por um desejo por homens comuns (WHITE, 1992, p. 167, tradução minha). Neste caso, deve ter sido muitas vezes a moldura prototípica para o decalque da ameríndia selvagem. Entretanto, não raras vezes, ela torna-se especialmente grotesca, não por seu semblante físico, mas propriamente por seu caráter moral, em que seus apetites carnis canibalescos e sexuais se expressam na qualificação de sua animalidade.

América-ferox femina

Dessa forma, transposta para a América, a desfiguração física da mulher selvagem da tradição europeia cede lugar à desfiguração moral, na qual a postura misógina do ádvena europeu apresenta-se especialmente determinante para a sua configuração. Todavia, na cronística sobre a colonização brasileira, traços reminiscentes da antiga imagem daquela grotesca mulher não desaparecem totalmente. E serve essa recorrência para demonstrar o quanto o processo de animalização feminina na cultura misógina do colonizador ainda se apresenta arraigado em sua expressão histórica e social.

Essa estratégica relação entre misoginia e animalização da mulher, bastante frequente na cronística colonial, pode ser perfeitamente exemplificada na seguinte descrição que o puritano protestante Jean de Léry faz da brasilíndia:

furam de modo horrível as orelhas para nelas colocarem arrecadas e quando as retiram podem facilmente meter os dedos nos buracos. Esses brincos são feitos com grandes conchas marinhas, brancas, roliças e do tamanho de uma vela se sebo meã, à qual chamam *vinhol*; e quando se penteiam, os penduricinhos caem-lhes sobre os ombros e o peito e de longe parecem orelhas de cão perdigueiro (LÉRY, 1980, p. 119).

Conforme observado, no projeto da conquista e da colonização da cronística mundonovista, o alcance ideológico do engendramento da realidade americana equacionada ao feminino representa-se em razão da visível sobredeterminação dos termos políticos androcêntricos da cultura do europeu. Essa mesma posição mítica de centralidade masculinista ocidental também se expressa em *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões, contraparte literária épica que, ao lado daquela cronística, representa o engendramento de outro espaço alienígena, o Oriente, elaborado com motivos estéticos e ideário próprios da tradição da epopeia ocidental, agora refundida ao estilo de um tratamento moderno. Na visão da paisagem cultural e geográfica do Oriente visitado por Vasco da Gama e seus tripulantes de *Os Lusíadas*, a questão das formas de expressão da nacionalidade da cultura ocidental (HELGERSON, 1992, p. 6) significa, ao lado de outros fatores, como o nacionalismo épico camoniano pode expressar em termos de forma, conteúdo e discurso do gênero, a imposição do masculino (Ocidente) sobre o feminino (Oriente) numa perspectiva cultural e geográfica.

Androcentrismo e orientalismo

Essa prerrogativa engendrada acima referida baseia-se, evidentemente, na premissa androcêntrica ocidental do conceito de *paterfamilias* provindo da tradição romana para significar a prerrogativa do pai como chefe e proprietário do clã, não só em termos de posse material, mas também no sentido moral e espiritual (STOLTENBERG, 1990, p. 68). Desse modo, essa forma fundamental de nacionalidade ocidental tende a considerar as diferentes organizações das civilizações periféricas e estrangeiras como naturalmente subalternizadas por suas debilidades sociais, morais e culturais. Adicionada a isso e perspectivadas ao discurso do gênero, cumprem a lógica de feminização na visão do ocidental.

Dessa forma, decorrente de uma injunção de fatores, nas formas de nacionalidade ocidental, a cultura androcêntrica e patriarcal sucede

sempre em se legitimar em sua expressão épica e viril, com a finalidade de justificar o domínio do Ocidente sobre a periferia do Oriente. Esse espaço de outridade, geralmente equacionado a atributos preconceituosos que identificam a natureza do feminino, geralmente é uma paisagem abscondita e misteriosa que se oferece ao homem ocidental para ser desvelado e penetrado, num misto de desafio e de sedução, num verdadeiro rito de passagem alegorizador dos feitos de estatura heroica e viril desse conquistador europeu (SHOHAT; STAM, 1994, p. 146).

David Quint, estudando a relação ideológica e política entre a épica ocidental e a conquista do Oriente, analisa o *logos* do conquistador ocidental enquanto superior dotação racional *vis-à-vis* o *páthos* do conquistado oriental enquanto atributo inferior. Dos muitos exemplos clássicos dessa situação, Quint destaca a *Eneida* (ca. 29-19 a. C.), de Virgílio, um dos textos fundadores da história e da cultura do Ocidente.

Um dos casos exponenciais de valores antinômicos atribuídos pela literatura ocidental ao Oriente pode ser conferido na batalha de Ácio, ocorrida na Grécia em 2 de setembro de 31 a. C. durante a guerra civil romana entre Marco Antônio e Otaviano, mais tarde conhecido como César Augusto. A frota de Marco Antônio foi apoiada pelos barcos de guerra da rainha Cleópatra, do Egito, sua amante na ocasião. Os consorciados amantes foram derrotados. Nessa batalha, é sintomático o fato de Apolo aparecer como deus da racionalidade ocidental, *vis-à-vis* a desordem emocional das tropas orientais de Cleópatra, que entram em pânico diante do pressentimento do desastre.

Eurofalocentrismo de Os Lusíadas

De forma semelhante, essa mesma construção ideológica e política da conquista do ocidental, baseada no discurso do gênero e conferida no comentário acima, pode ser verificada na própria maneira com a qual os descobridores de *Os Lusíadas* são retratados frente à realidade alienígena visitada. Apresentam-se com os artefatos e os símbolos que propositadamente civilizadores carregam consigo, dentre eles,

sendo o exemplo máximo, a imagem ostensiva de sua embarcação, suas caravelas, que aportadas nas terras orientais servem ainda para demonstrar a visão de superioridade tecnológica, civilizacional e de poder desses conquistadores ocidentais, garantia aparente de sua facilitação no empreendimento hegemônico de sua expansão ultramarina.

Em *Os Lusíadas*, o aportar da esquadra ocidental e masculinista de Vasco da Gama em terras orientais carregam imagetivamente uma firme disposição decidida e incisiva. Ela contrasta com a vacilante e indecisa disposição oriental e feminizada das naus de Cleópatra, na batalha de Ácio da *Eneida*, a deambularem sobre as águas do Nilo.

Nessa aproximação contrastante, a oposição entre o Oriente e o Ocidente torna-se explicitamente caracterizada em termos de gênero, sendo o Oriente, evidentemente, representado como feminino e desarvorado. E, dessa forma, reflete no recurso retórico do *ventus vocavit* [invocação dos ventos] da rainha do Egito que, no início do poema de Virgílio, consegue que Eolo sobre seus ventos tormentosos para colocar em confusão os navios de Eneias, protótipo latino do mito do herói civilizador.

Quint argutamente observa a associação alegórica que pode ser feita entre Cleópatra e Juno ou Hera, deusa do ar, particularmente associada com o vento e que, na religião romana, era símbolo do princípio universal feminino. Nessa conexão, Cleópatra, representante do Oriente, qualifica-se por sua instabilidade eólica, metaforizada como uma embarcação sem controle de si e à deriva, incapaz de conduzir o seu próprio destino e, portanto, necessitada de direcionamento e sujeita aos mutáveis ventos das circunstâncias. Na apreciação analítica dessas sugestivas imagens, torna observado que,

Por inferência, os efeminados orientais não podem governar a si próprios e requerem o governo masculino dos seus mestres europeus. [...] O lugar ou o deslocamento da mulher é, portanto, no Este, e a épica apresenta uma série de heroínas orientais, cujas seduções são potencialmente mais perigosas que as armas orientais: Medeia, Dido, Angélica, Arminda e Eva de Milton. A épica de

Virgílio representa a vitória imperial com a vitória do *princípio da história* – um princípio arraigado no Oeste, onde a identidade e o poder são transmitidos através dos tempos em sucessão patrilinear – sobre a falta ou negação da identidade histórica que caracteriza o inconstante, feminizado Leste” (QUINT, 1993, p. 28-30, tradução minha).

O efeito provocado por esse discurso épico resulta, no contexto colonialista, em tratar em termos retóricos a promocionalidade da conquista figurada também nos limites da sensualidade e do erotismo, na medida em que o desejo do Ocidente envolve-se com metáforas de escrutínio, penetração e consumo.

Essa estratégia retórica de subalternação para controle e imposição masculinista do espaço ocorre, em *Os Lusíadas*, mediante a tropologia da feminização do Oriente, recurso que o projeta como uma receptividade passiva e desprovida de defensivas atitudes viris. Dentre os vários exemplos que inferem essa situação, um bastante característico é a descrição feita, no Canto Sétimo, do encontro de Vasco da Gama com o Samorim, governador de Calicute, nas Índias.

Nesse encontro, o Oriente, representando por essa potestade, oferece-se aos ádvenas, reclinado em luxuosos adornos feminis, à espera do militante, severo e aguerrido Ocidente representado pelo conquistador português (CAMÕES, s.d., p. 99). Assim como na gravura de Galle, anteriormente comentada, a impressão que se tem é a de centralidade do poder épico androcêntrico europeu que, além de dificultar a aceitação do outro como raça e cultura (HELGERSON, 1992, p. 297-298), legitima ideologicamente essa postura ao arrazoá-la nos termos da lógica masculinista do discurso do gênero.

Nos momentos do discurso épico de *Os Lusíadas*, nos quais nacionalistamente percebe-se um afã em narrar a razão e a moral históricas do povo português, por contraste, o Oriente se desabilita enquanto portador dessas qualidades, projetando as inconformidades próprias de sua localização periférica que, aos olhos do desbravador ocidental, é uma geografia de desordens e traições a requerem controle e domínio (SHOHAT; STAM, 1994, p. 141).

Tais construções do imaginário androcêntrico ocidental, perspectivados pelo discurso do gênero, discriminam o espaço oriental, qualificando-o com imagens derogatórias do feminino. O Oriente torna-se metaforizado nessa aventura épica masculinista com fortes prevenções misóginas, dentre as quais, a sua exuberância sensorial e mesmo incontrolada luxúria. Manifestações do sensualismo oriental como essas, próprios do paganismo ou dos costumes dos inféis, estariam de atalaia para seduzir e corromper o conquistador europeu cristão, que apetece por desvendar o exótico, compromete-se com o erótico.

Feminização do Oriente

Frente a esse espaço provocador, o conquistador e o explorador ocidental, atendendo ao seu complexo de superioridade e dominância masculinista, não deixa de se conceder em desfrute das prazerosas atrações orientais, confiante da preservação de suas prerrogativas culturais e de estender o seu projeto de organização ao desordenado espaço do Oriente. Expressa no projeto épico de *Os Lusíadas*, essa disposição ambivalente de refreamento e de concessão frente aos ambiguos impulsos de um Oriente engendrado na perspectiva do feminino, leva à constatação de que no poema existe, para além do seu propósito monológico comprometido com o nacionalismo, uma forte inclinação de desejo prazeroso do Outro. Dessa forma, o Oriente é projetado como uma atração magnética que inspira o Ocidente a configurá-lo do modo que ele quer que o Leste seja: misterioso, maravilhoso, bizarro e, talvez, mesmo imoral (cf. CUDDON, 1992: 664).

Os premiadores encantos sedutores do Oriente, que contrastam liricamente com a integridade épico-nacionalista de *Os Lusíadas* no epílogo da epopeia, ocorrem propiciados sob a tutela de Vênus já desde o início do poema, no seu Canto Segundo (CAMÕES, s.d., p. 52-60). A deusa que rege o clássico amor pagão ocidental, se transfere para o Oriente a fim de proteger os portugueses, sendo responsável pelo bom sucesso de sua chegada às Índias. Com isso,

representa o que o europeu deseja que o Oriente seja enquanto por ele "orientalizado": receptivo e femininamente amoroso, qualidades sinonímicas de sua submissão ao conquistador (SAID, 1979).

O fato de Vênus se transferir para atuar no espaço oriental, conferindo-lhe aquele comentado aspecto sedutor, apenas aparentemente é incongruente, pois representa o emprego figurativo do imaginário mítico europeu para orientalizar, isto é, feminizar o Oriente. Agora em sua nova geografia, a deusa, protótipo da sedução na cultura ocidental, corresponde a um Oriente que se feminiza pelo desejo masculinista do europeu, contrapondo o heroico ao lírico-amoroso, binômio clássico da construção da história do Ocidente.

Enquanto espaço e paisagem de figuração do feminino regido por Vênus, o Oriente de *Os Lusíadas*, perspectivado em termos de engendramento, apresenta-se estrategicamente apropriado para o descobrimento e desfrute. Além de referido pela Deusa do Amor, o Oriente engendrado de Vasco da Gama representa-se, no Canto Nono, que relata o episódio da Ilha dos Amores (CAMÕES, s.d., p. 110-118), por um irresistível cortejo feminino de ninfas amorosas comandadas por Tétis, reproduzindo a imagem do harém de cortesãs próprio da cultura oriental que, aos olhos do Ocidente masculinista, é apropriado desejosamente em termos sexuais, quando o exótico torna-se sinônimo do erótico.

Essa Vênus, alocêntrica por sua atuação nos confins do mundo oriental a ser desvendado pelos portugueses, empresta a sua regência erótica para tratar da moderna épica ultramarina lusitana em sua aventura rumo às almeçadas Índias. Exemplo disso é a passagem em que a deusa-mãe da raça, no Canto Segundo (CAMÕES, s.d., p. 52-60), preocupada com as artimanhas de Baco para impedir o sucesso da viagem, é narrada maliciosamente ao se fazer valer dos supremos encantos de sua beleza e nudez eróticas para obter de Júpiter que ele interceda em favor dos navegadores, propiciando-lhe viagem segura nos adversos mares desconhecidos:

E como ia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava
Que as estrelas e o céu e o ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava
Com que os polos gelados acendia,
E tornava do fogo a esfera, fria.
[...]

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via.
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Minino as almas acendia;
Pelas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

C'um delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe adiante aquele objecto raro.
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.
[...]

E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual, do Céu subido,
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,
Na face a beija e abraça o colo puro.
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

(CAMÕES, s.d., p. 54-55)

Nessa passagem da sedução de Vênus dirigida a Júpiter, sintonizando a derrogação misógina do feminino orientalizado verificado em *Os Lusíadas*, comparece de forma exemplar aquela atitude essencialmente discriminatória da mulher na visão da cultura patriarcalista ocidental. Isso acontece dado ao fato de que, em Camões, a responsabilidade pela licenciosa conquista amorosa é unicamente atribuída a Vênus, culpa que, tradicionalmente, era impugnada ao Cupido, o seu filho deus-menino.

A contaminação venérea do oriente camoniano reduplica suas imagens em detalhes significativos. É

o caso, dentre outros, da configuração das seminuas ninfas da Ilha dos Amores, que se cobrem com aquela mesma imagem e sugestão de frugalidade e do evanescente das vestes características da divindade feminina consorciada a Eros. As ninfas da Ilha, por sugestão de Vênus, seu modelo de regência erótica, apresentam-se cobertas "da lã fina e seda diferente / Que mais incita a força dos amores" (CAMÕES, s.d., p. 114). Nesse ambiente de excitabilidade, há pouco espaço timidamente alertado pela consciência moral da voz poética, de formação cultural e cristã, para a lembrança de refreamentos, que devem, entretanto, se verificar em função do projeto colonialista de reprimir, isto é, subalternizar as naturais licenciosidades orientais em nome de seu resgate cultural homologado pela moral cristã do Ocidente.

O Oriente, assim tratado de forma sensória, transforma-se figurativa e retoricamente num espaço reduzido ao reino do natural e biológico, num verdadeiro império dos sentidos associado acima de tudo ao vegetativo e instintivo, ao material cru carente de cultura e manufaturaria, realizando, aqui, o que se conhece, no discurso colonialista, por tropologia da naturalização do colonizado (SHOHAT; STAM, 1994, p. 137-175). Nessa perspectiva analítica, a sexualização venérea do Oriente camoniano e seu processo de feminização colocam-se, em termos ideológicos, em contraponto à forma de expressão eurocêntrica que caracteriza o projeto cultural e mercantilista do *logos* do Ocidente nos princípios dos tempos modernos.

Nesse sentido, justifica-se o fato de, na intenção de nacionalizar o seu poema por meio da imposição das formas tradicionais do androcentrismo épico, *Os Lusíadas* faz do Oriente uma realidade feminina naturalizada. E, com isso, vale significar, subalternizada na perspectiva de seu engendramento misógino.

É o que acontece, de forma exemplarmente alegórica, no episódio da Ilha dos Amores, onde Tétis e suas ninfas representam-se como subservientes e gentis troféus de refrigério erótico para recompensar o grandioso feito dos destemidos varões portugueses na conquista do caminho marítimo para as Índias. Provida aos navegantes em seu caminho de torna-viagem,

a mítica e luxuriosa ilha oceânica, presente de Vênus, identifica-se como um verdadeiro *locus amoenus* da tradição dourada clássica, ao qual é adicionado o império do prazer e da sensualidade. E, na espécie de graciosa orgia que se segue na paradisíaca ilha paganizada, mesmo Lionardo, um dos soldados do Gama, que "tinha já por firme prossuposto / Ser com amores mal afortunado" (CAMÕES, s.d., p. 116), consegue o seu prêmio, quando, finalmente, a sua negaceadora ninfa oceânica "Toda banhada em riso e alegria, / Cair se deixa aos pés do vencedor, / Que todo se desfez em puro Amor" (CAMÕES, s.d., p. 116).

Entretanto, em contraposição ao tom moralizante que caracteristicamente se faz presente em momentos-chave do conteúdo ideológico de *Os Lusíadas*, a suposição de desenfreada licenciosidade da Ilha não se sustém. Isso porque, na realidade, não passa de um símbolo alegórico para figurar as recompensas sublimes que a Honra havia reservado aos valorosos portugueses, princípio tão caro à patriarcalidade ibérica, de primaz importância à correta ordenação de suas relações sociais (WILSON, 1969, p. 43).

Triunfalismo engendrador androcêntrico

O consórcio amoroso triunfalista dos portugueses com as gentis ninfas da Ilha dos Amores não significa, entretanto, uma simples união episódica. Traz na sua elaboração um motivo de significação simbólica mais intrínseco, que serve para refletir o complexo de superioridade psicocultural do europeu, referido, em *Os Lusíadas*, à realidade ibérica.

Trata-se do emprego retórico do *topos* do *hieros gamos*, ou casamento sagrado, de que o poema se utiliza, ao lado de outros recursos, para compor o seu conteúdo maravilhoso mitopoético de inspiração pagã. Esse motivo teogônico do mundo antigo supunha a necessidade de o rei se casar com uma deusa para lhe ser permitido governar, refletindo uma época em que as mulheres eram as que possuíam terras, propriedades e domicílios, os quais passavam, por direito, aos homens depois do casamento (WALKER, 1988, p. 182-183).

Esse *topos* do *hieros gamos*, em *Os Lusíadas*, constitui um exemplo muito claro relativo ao consórcio dos conteúdos figurativos do poema com as suas ideias, com a finalidade de expressar sua grandiosidade moral e artística de construção épica, de funcionalizar a união do referente histórico ao imaginário poético.

Em vista de a épica camoniana consubstanciar-se nos valores heróicos e histórico-nacionais da raça lusitana auferidos masculinamente, a simbologia do *hieros gamos*, tradicionalmente caracterizado como a figura de preservação da regência do princípio do feminino, comparece no poema como figurabilidade ideológica para indicar a autenticação do direito de conquista e de posse patrimonial do Oriente pelo Ocidente androcentricamente investido. Esse motivo fica especialmente simbolizado quando as amorosas ninfas da Ilha dos Amores se tornam verdadeiros troféus para premiarem os valorosos desbravadores lusitanos.

Essa autenticação do direito de conquista e de posse patrimonial do Oriente pelo Ocidente, discutida a propósito do discurso do gênero em *Os Lusíadas*, justifica-se, em seu projeto ideológico, na medida em que as ninfas, transformadas em troféus e cogitadas serem levadas para Portugal, seriam sequestradas do seu espaço natural e tornadas objeto de posse material com o propósito de entretenimento sexual. Sendo que, uma vez que para qualquer outro mister, dada a sua natureza de seres mitificados, dificilmente poderiam servir.

É nesse sentido reificador que podem ser entendidas as palavras cheias de deslumbre do soldado Veloso, da expedição de Vasco da Gama, ao se referir às ninfas como objeto de caça, praticamente transformadas em troféus, não obstante a referência ao antigo rito pagão de sacrificar caças às deusas da floresta: "'Senhores, caça estranha', disse, 'é esta! / Se inda dura o gentio antigo rito, / A deusas é sagrada esta floresta'" (CAMÕES, s.d., p. 115).

Considerações finais

Ao encerrar-se a narração de *Os Lusíadas* com o episódio da Ilha dos Amores, o resgate amoroso da mitopoesia lírica a finalizar o seu

bem propositado canto épico constitui uma nitida contribuição para a construção retórica e figurativa de um dos mais expressivos exemplos de discurso europeu da conquista e das descobertas dos princípios dos tempos modernos erguido com a presença estratégica de uma política de engendramento para o controle e dominação das terras visitadas. Apesar de o mesmo não poder de forma semelhante ser identificado na cronística dos descobrimentos e colonização da América brasileira, por notáveis momentos de derrapagens o seu discurso da conquista enfoca-se na figura da selvagem que finalmente, séculos depois, se representará na invenção romântica de uma América bárbara, mas de forma acolhedoramente selvagem.

Referências

- BADINTER, Elisabeth. *The Unopposite Sex: The End of the Gender Battle*. Tradução Barbara Wright. New York: Harper & Row, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Trad. e ed. H. M. Parshley. New York: Vintage Books/Randon House, 1989.
- BERGER, John. *Ways of Seeing*. London: BBC and Penguin, 1977.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1930.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Tecnoprinte, [1980?]. (Edição crítica de Francisco Silveira Bueno).
- CARDIM, Fernão. Do Clima e Terra do Brasil. In: CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 25-61.
- CUDDON, John Anthony Bowden. *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. New York: Penguin Books, 1992.
- FANON, Frantz. *The Wretched of Earth*. Tradução Constance Farrington. New York: Grove Press, 1963.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil / História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda.; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- HELGERSON, Richard. *Forms of Nationhood: The Elizabethan Writing of England*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1992.
- KAPLAN, Cora. *Sea Changes: Culture and Feminism*. London: Verso, 1986.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- MACKINNON, Catherine. *Feminism Unmodified*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- MONTROSE, Louis. The Work of Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery. In: STANTON, Donna C. (ed.). *Discourses of Sexuality: From Aristotle to AIDS*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992. p. 138-184.
- QUINT, David. *Epic and Empire: Politics and Generic Form from Virgil to Milton*. New Jersey: Princeton University Press, 1993.
- RUTHVEN, K. K. *Feminist Literary Studies: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- SAID, Edward W. *Orientalism*. New York: Vintage Books: Randon House, Inc., 1979.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Unthinking Eurocentrism: Multiculturalism and the Media*. London and New York: Routledge, 1994.
- SHOWALTER, Elaine. Introduction: The Rise of Gender. In: SHOWALTER, E. (org.) *Speaking of Gender*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1994. p. 1-13.
- SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- STARR, Tama. *The "Natural Inferiority" of Women: Outrageous Pronouncements by Misguided Males*. New York: Poseidon Press, 1991.
- STOLTENBERG, John. *Refusing to be a Man: Essays on Sex and Justice*. New York: Meridian: Penguin Books, 1990.
- TUANA, Nancy. *The Less Noble Sex: Scientific, Religious, and Philosophical Conceptions of Woman's Nature*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.
- WALKER, Barbara G. *The Woman's Dictionary of Symbol and Sacred Objects*. San Francisco: Harper and Row, 1988.
- WHITE, Hayden. *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1992.
- WILSON, M. Edward. *Spanish Drama of the Golden Age*. Oxford: Pergamon, 1969.

Endereço de correspondência:

Pedro Carlos Louzada Fonseca
 Universidade Federal de Goiás.
 PPG Letras e Linguística – Faculdade de Letras.
 Campus II (Samambaia).
 Goiânia - GO
 CEP: 74690-900